REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 868

10 DE FEVEREIRO DE 1903

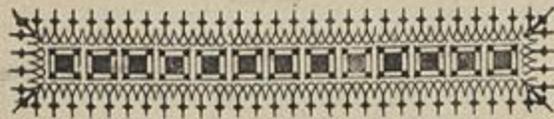
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA SILVA

DIRECTOR DA ALFANDEGA DE LISBOA

CHRONICA OCCIDENTAL

Realisou-se ha dias nas salas da Sociedade de Geographia a inauguração do congresso maritimo, cujas sessões diariamente continuaram e em que foram apresentados trabalhos de alta importancia.

Sabbado realisou-se na Avenida Palace o jantar offerecido aos delegados dos conselhos regionaes e juntas locaes que concorreram ao congresso.

Presidiu ao banquete o sr. conselheiro Julio de Vilhena, presidente da Liga Naval, que, erguendo o primeiro brinde a El-rei e á familia real portugueza, fez o elogio do sr. ministro da marinha e dos srs. Villaça e Ferreira do Amaral, pelo muito que lhes deve a reviviscencia das nossas colonias.

Respondeu-lhe o sr. Teixeira de Sousa e não deixou, depois de referir-se aos seus amigos, de louvar o trabalho d'um inimigo seu politico o sr. Eduardo Villaça.

E, durante o jantar, tudo assim foi: paz e concordia.

Tinha de ser, que de paz e concordia se fala agora em todo o mundo. Espera se que cedo termine a guerra civil em Marrocos e que tomem melhor direcção os negocios da Venezuela e a questão do Acre entre as republicas do Brazil e da Bolivia.

Já se vê que céo purissimo como o de manhã de abril, sem pelo menos um cirrusinho branco lá muito em cima, isso é utopia que nem o imperador da Russia nem a encantadora rainha Guilhermina se atreveram sequer a sonhar nas melhores horas de muito boa esperança.

Diz-se que a nuvemzinha está apparecendo lá para os lados da Macedonia.

Até os escandalos ha uns dias que nos deixam em relativa tranquillidade. Uma vez por outra, surge-nos perdido na columna d'um jornal um telegrammasinho de quatro linhas sobre Madame Humbert ou alguma noticia já sem interesse sobre a antipathica Princeza de Saxonia e seu não menos antipathico mano Leopoldo. Diz-se que mr. Giron já marchou para a Belgica.

Esta serenidade em que vivemos ha dias só tem seus inconvenientes para os chronistas. Succede até por vezes que elles põem por causa d'um ratinho a montanha fazendo estrondo como se fosse a Martinica ou o Vesuvio.

De paz e concordia falámos; com uma e outra fará sua entrada D. Affonso XIII em Portugal, apesar d'uns boatos que correram baixinho de complicações em Hespanha a proposito das pescarias no Algarve.

Corre sereno o tempo e até nas ruas, já tão proximo do carnaval, podemos passear ou ir a nossos negocios com a maior tranquillidade. Não sei se em parte devemos o beneficio que usufruimos aos distinctos jornalistas que se lembraram de civilisar o entrudo; mas se assim foi, honra lhes seja.

Que tormento que era d'antes a feroz mania dos penachinhos que nos obrigava a andar pela rua, sempre d'olho álerta, aos zigue-zagues, por sobre a lama, de passeio para passeio! E os tremoços que doiam e os espelhinhos que nos cegavam!

A alegria propria do tempo vae agora toda pelos theatros, pelos concertos que teem sido frequentes, pelas *soirées* que tem sido animadas.

Deu o theatro de S. Carlos uma opera nova, fez no Gymnasio o Joaquim d'Almeida seu beneficio, tivemos nova revista na Rua dos Condes, deu-nos o theatro de D. Maria dois originaes portuguezes. Era o primeiro assignado por Fausto Guedes Teixeira, o grande poeta da geração nova; com o outro fez sua estreia Jorge Santos, que no *Crime de Amor* revelou querer tomar a arte a serio.

Fala-se agora de muitos bailes de mascaras, de recitas particulares, de mascaradas pelas ruas, muito mais até que de politica, apesar de algumas sessões interessantes que tem havido nas duas camaras.

De alguns discursos ainda falaremos que não foram ouvidos em nenhuma das salas do parlamento, mas na sala da Sociedade de Geographia, quando ali se realisou a sessão solemne commemorativa do 104.º anniversario do nascimento de Almeida Garrett.

Presidiu o sr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, servindo-lhe de secretario o sr. Alberto Bessa.

Orou primeiro Alexandre Braga, que fez o elogio de Almeida Garret, prestando-lhe a homenagem de seu respeito e amor.

Alberto Bramão recitou uma poesia expressamente escripta para aquelle acto.

O sr. Zeferino Candido leu um extenso discurso, terminando por lembrar que tardia era a justiça que se fazia a Garrett levando-o para o Pantheon, divida que se completaria prestando a mesma homenagem ás cinzas de Castilho, visto lá se acharem as de Herculano. Assim o mesmo templo abrigaria a trindade egregia a quem deve Portugal o renascimento das suas letras, ao lado do definitivo estabelecimento da sua liberdade que a todos tres inspirou e que todos serviram de modo para sempre memoravel.

Falou em ultimo logar o sr. Conde de Valenças, agradecendo a todos que haviam cooperado para o bom exito d'aquella sessão, a todos fazendo seu elogio.

Todos os oradores foram muito applaudidos.

A sessão terminou pelo agradecimento que a todos o sr. presidente dirigiu.

E' innegavelmente obra patriotica a que foi tentada por estes senhores. E' do programma dos fundadores da sociedade o por todas as formas a seu alcance espalhar o conhecimento da grande obra de Garrett ainda de muitos portuguezes totalmente ignorada. Foi Garrett um grande artista amador de quanto era arte, e um grande patriota amando entranhadamente a sua terra. A todos será util a lição de seus livros, a muitos devemos consideral-a indispensavel.

Isto mesmo pensei ao ler um d'estes dias a noticia de que as camaras municipaes de Grandola, Rio Maior, Alemquer, Moncorvo, Carregal do Sal, Vallongo, Cuba, Pampilhosa, Reguengos de Monsaraz e Bragança haviam mudado para o de Almeida Garrett os nomes de algumas ruas ou praças.

E' assumpto de que, por mais d'uma vez, aqui tenho falado. Agora falará Garrett com alguns trechos das VIAGENS NA MINHA TERRA.

«Pegue qualquer na bella chronica d'el-rei D. Fernando...... chegue-me a Santarem, descance e ponha-se-me a ler a chronica; verá se não é outra coisa, verá se deante d'aquellas preciosas reliquias, ainda mutiladas, deformadas como ellas estão por tantos e tam successivos barbaros, estragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de todos os vandalos, as auctoridades administrativas e municipaes do feliz systema que nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estatuas dos tumulos; e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas!»

....

Mais adeante diz:

«As ruinas do tempo são tristes mas bellas, as que as revoluções trazem ficam marcadas com o cunho solemne da historia. Mas as brutas degredações e as mais brutas reparações de ignorancia, os mesquinhos concertos da arte parasyta, esses profanam, tiram todo o prestigio.»

....

Mais adeante, no mesmo livro, ergue-se contra os padres-conscriptos de Santarem, que tencionavam demolir a porta de Artamarma por onde entrou na villa D. Affonso Henriques, e verte lagrimas sobre a infelicidade d'aquella terra.

Almeida Garrett amava como artista e como patriota quanto em nossa terra lembrava um facto da sua historia, uma lenda que fosse. Um nome pode valer um monumento. Se em seu tempo já houvesse dado o sestro nos vereadores, como contra elles Garrett se ergueria como o fez em Santarem contra as mãos profanas que tocavam nas ruinas sagradas!

Se querem provar a Garrett muito respeito, leiam-lhe primeiro a obra.

Tomáramos nós que em homenagem ao auctor das VIAGENS, puzessem outra vez o nome de Chiado na rua Garrett. Seus ossos estariam em seu caixão decerto menos incommodados.

Nenhum preito se póde prestar maior a um grande vulto do que provar-lhe que para alguma coisa sua obra serviu.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO DR. AUGUSTO JOSÉ DA SILVA

O nome illustre que toma hoje o primeiro logar n'esta secção, pertence ao de um funccionario distincto, honesto e probo, a quem estão confiados grandes interesses do Estado, e cujo zelo e tacto administrativo teem sido provados brilhantemente nos dois annos que completou já da sua nomeação para director da alfandega de Lisboa.

Nascido em Ancião em 7 de julho de 1850, é formado pela escola medica de Coimbra, onde concluiu o curso em 1873, deixando na sua carreira de estudante affirmados em diplomas honrosissimos, não só os elevados dotes intellectuaes com que a natureza o privilegiara, mas ainda a persistente dedicação ao estudo, que aos 23 annos o tornava apto para o exercicio d'uma das carreiras mais nobres e mais trabalhosas dos nossos dias.

Em 1883, por decreto de 23 de outubro, foi nomeado sub-chefe da fiscalisação maritima da Alfandega de Lisboa, e n'esse cargo, investido de attribuições que o obrigam a uma orientação excepcional, accentua-se o funccionario zeloso e activo, prestando tão importantes serviços que em 1886 é nomeado chefe do serviço da mesma casa fiscal, sendo-lhe concedida em 1887 a carta de conselho em reconhecimento aos seus incontestaveis talentos e aptidões.

Em 29 d'agosto d'esse anno é chamado a fazer parte da commissão encarregada de escolher local para o interposto commercial livre de Lisboa e formular regulamentos fiscaes do referido serviço, trabalhos em que mais uma vez affirmou a sua elevada competencia e o conhecimento vasto da nossa legislação aduaneira.

Por portaria de 11 de dezembro de 1899 foi o sr. conselheiro Augusto José da Silva nomeado para ir ao estrangeiro colher elementos que servissem de bases á remodelação geral do expediente das alfandegas portuguezas, e em especial do funccionamento dos armazens geraes, fazendo parte como membro e presidente de muitas outras commissões de serviço em que sempre patenteou a par d'um grande zelo um caracter lidimo, uma intelligencia lucida e um profundo saber da complicada engrenagem aduaneira.

Com tão provados dotes, com tão experimentada competencia, estava naturalmente indicado o sr. conselheiro Augusto José da Silva para director da Alfandega, e essa nomeação confirmada em 29 de dezembro de 1900, foi recebida por entre vivas manifestações de sympathia de todo o pessoal da Alfandega, indo ao seu gabinete felicital-o não só os funccionarios aduaneiros, com residencia em Lisboa, como tambem as auctoridades civis, o alto commercio, muitos industriaes, officiaes do exercito, etc.

Durante os dois annos que o sr. conselheiro Augusto José da Silva tem occupado a suprema direcção dos trabalhos da nossa primeira casa fiscal, nem um só dos seus subordinados tem deixado de fazer justiça aos seus actos, em que se revela sempre o mesmo funccionario cuidadoso, o mesmo caracter recto e disciplinador, como deve ser quem tem de attender a tantos interesses variados, salvaguardando acima de tudo as receitas do Estado.

Uma das qualidades que mais distinguem o sr. conselheiro Augusto José da Silva é a fidalga attenção que a todos dispensa, a amavel gentileza como a todos recebe, o que o torna querido e adorado por tal forma, que, se elle tivesse de abandonar a gerencia d'aquella casa fiscal, a sua falta seria sentida não só moral e economicamente, mas do affecto que todos lhe consagram.

A. D.

A NOVA CAMARA DOS DEPUTADOS

Concluimos hoje a nossa serie de gravuras iniciada no n.º 867, destinadas a tornar conhecidas dos que pessoalmente não as podem apreciar todas essas bellezas de architectura com que a arte acaba de ser enriquecida entre nós, e ás quaes um artista portuguez deixa vinculado o seu nome em caracteres de ouro.

Teem aqui tambem logar merecido os retratos dos srs. Teixeira Lopes e José Moreira Rato, pelos trabalhos primorosos de esculptura que teem na sala da camara dos senhores deputados, bem como os dos dois architectos auxiliares srs. Antonio do Couto e Adolpho Marques da Silva, que alguma parcella de gloria lhes cabe no trabalho do sr. Ventura Terra.

Com estes artistas, pois, fica completo o nosso registro no que respeita a tão monumental assumpto.

TEIXEIRA LOPES

É já conhecido dos nossos leitores, porém não nos deviamos esquivar ao prazer de enfileirar o seu retrato na galeria artistica de que estamos tratando, e onde Teixeira Lopes occupa um dos logares mais proeminentes.

A Viuva, A Rainha Santa, A Historia e tantos outros trabalhos que assignalam a sua individualidade artistica, tornam-no um vulto de tal grandeza na estatuaria, que falar d'elle é repetir tudo quanto de bello já se tem dito por esse mundo fóra, onde tem chegado o prestigio do seu nome.

Todos os trabalhos que saem da sua mão são primores d'arte, dignos da admiração e do applauso unanime dos que sabem comprehender tudo que ha de grandioso na interpretação da natureza e de que talento é preciso ser-se possuidor para o manifestar no molle de granito, que elle torna humano na expressão sentida da tristeza, que é o cunho delicado da sua notavel organisação de artista.

Os trabalhos com que Teixeira Lopes collaborou na decoração da sala da camara electiva, estatua de El rei D. Carlos e o grupo alegorico que se vê em cima, dão altissimo relevo e harmonisam com o conjuncto magestoso da notavel obra do sr. Ventura Terra.

JOSÉ MOREIRA RATO

É discipulo da Academia de Bellas Artes onde se matriculou no curso geral de desenho em 1873, obtendo *accessit* no primeiro anno e o premio pecuniario de 20$000 no 4.º anno, curso especial de esculptura, tendo a medalha de ouro com a prova final, *Spartano armando-se para o combate*.

Foi seu primeiro professor o sr. Alberto Nunes, concluindo o curso sob a direcção do sr. Victor Bastos. Em Paris fez os seus estudos com os melhores esculptores d'aquelle tempo, completando-os com extraordinario aproveitamento.

Em junho de 1880 entrou no concurso para admissão na escola de Bellas Artes de Paris, praticando no atelier de mr. Dumont e frequentando a escola de 1880 a 1882.

Tendo já obtido a medalha de ouro na exposição industrial portugueza do Rio de Janeiro em 1878 com a sua estatueta em gesso *O gaiato*, foi na escola de Paris premiado com quatro medalhas de prata e uma menção honrosa, estudando depois fora da escola com os estatuarios mrs. Thomaz e Gautherin.

No *Salon*, em 1885, expoz uma estatua em gesso «Cain» premiada com menção honrosa, de volta a Lisboa e por encommenda do Estado executou essa mesma estatua em marmore, para o Museu Nacional de Bellas Artes.

Obteve egualmente as medalhas de 2.ª e 3.ª classe e a medalha de prata na exposição industrial portugueza de 1888 por diversos trabalhos expostos na Sociedade Promotora.

Entre muitas obras que tem produzido lembranos citar: o busto de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, para S. Pedro do Sul; «A Infancia de Vasco da Gama» em marmore para a sr.ª duqueza de Palmella; «A Historia (marmore), para a sala das sessões da Camara Municipal de Lisboa; o «Mausoleu Sobral» para a Guarda; os bustos de Joaquim Lopes, coronel Galhardo, dr. Cunha Belem (bronze) e Luciano Cordeiro em marmore para a Sociedade de Geographia etc.

E' obra sua o bello grupo alegorico decorativo da tribuna diplomatica da nova sala da Camara dos srs. Deputados.

MARQUES DA SILVA

Adolpho Antonio Marques da Silva nasceu em Lisboa em 17 de novembro de 1876. Matriculou-se na Escola de Bellas Artes de Lisboa onde concluiu o curso de architectura civil no anno de 1898, sendo duas vezes premiado com medalhas de prata, e o curso geral de desenho em que foi tres vezes premiado com medalhas de prata.

Cursou além d'isso o Instituto Industrial de Lisboa para complemento dos seus estudos de architecto.

Entrou ao serviço das Obras Publicas, em 1898, como architecto em tirocinio, auxiliando o sr. Pedro d'Avila no projecto de restauração da Escola de Bellas Artes de Lisboa, e o sr. Domingos Parente da Silva nos trabalhos preparatorios para o projecto de restauração da Sé Patriarchal de Lisboa, tendo em seguida trabalhado nas obras da Escola Medica.

Alem de varios trabalhos foi depois collaborador desde 1900, nos estudos do projecto e execução da Sala dos Passos Perdidos, na obra de reconstrucção da camara dos senhores deputados. Entrando no concurso aberto em dezembro de 1901, para duas vagas de architecto de 3.ª classe do quadro do ministerio das obras publicas, foi classificado em terceiro logar.

ANTONIO DO COUTO

Sendo alumno da Casa Pia, Antonio do Couto fez ali todos os preparatorios, entrando ao tempo da provedoria do sr. Simões Margiochi, e por iniciativa d'este illustre funccionario, para a Academia de Bellas Artes, onde cursou a especialidade de architectura civil, terminando os seus estudos em 1899 e obtendo a maior distincção que ali se confere na ultima prova do seu curso

Ainda durante os estudos foi admittido nos trabalhos de reconstrucção da camara dos senhores deputados, onde actualmente se encontra como architecto em tirocinio

Na exposição promovida pela Sociedade Nacional de Bellas Artes foi premiado com uma segunda medalha pelo seu trabalho *Pantheon.*

Topicos geraes de problema agricola

(Concluido do n.º 867)

Importa que a gente portugueza se compenetre cada vez mais da verdade contida nas linhas que precedem e que todos contribuam para o fomento da agricultura nacional, de modo a substituir por productos proprios todos aquelles que

importamos do estrangeiro a troco de agios elevadissimos.

Nós temos obrigação de nos alimentar, vestir e calçar com generos e fazendas de propriedade inteiramente nossa; pois não faltam terrenos aproveitaveis para sementeira de cereaes, pastagem de rebanhos e postura de bacêlos, e não nos fallece engenho artistico para extrahir das plantas filamentos opimos e do gado lãs escolhidas que sirvam ao fabrico de peças de panno e para preparar e curtir a pele dos animaes que fornecem cabedal e constituem assim um ramo de commercio muito importante.

Vou traduzir para aqui uma passagem significativa do *Dictionnaire Universel de la Geographie commerçante*, de J. Peuchet, contemporaneo da Revolução franceza de 1789, eil-a:—«É opinião geralmente assente não existir em Portugal parcéla alguma de terreno que não seja adequada a qualquer producção, e esta opinião tem fundamento legitimo. Encontra-se de baldio uma parte do sólo que poderia dar bom resultado em mãos industriosas. As terras que se destinam á cultura de grãos não admittem comparação com as das outras regiões da Europa.

Os camponios portuguezes não conhecem absolutamente os differentes processos de adubar a terra, ou, o que equivale á mesma coisa, não fazem uso de nenhum d'elles. O monturo é o adubo unico que empregam, e as terras onde uma vez semearam trigo jámais recebem cultura variante.

Ainda que a asserção pareça extranha, todavia não é menos certo que Portugal no meio dos outros povos europeus de civilisação adiantada, conserva-se em estado de inferioridade relativamente á agricultura e ao commercio das demais nações. Decaindo sob o ponto de vista commercial os portuguezes perderam tambem o espirito de industria e o conhecimento das artes».

O que diria Peuchet, se agora saísse do tumulo em que dorme ha muito o somno da morte e viesse percorrer o Portugal da actualidade?

Que grau de differença para melhor no tocante á lavoura apontaria o auctor alludido?

Não quero, porém proseguir, em interrogações descabidas n'este momento, das quaes possa concluir-se proposito systematico de recriminação: em que todos, nacionaes e extrangeiros concordam plenamente é em que a faixa comprehendida entre o rio Minho, ao norte, e o oceano Atlantico, ao sul assemelha-se a jardim sempre viçoso e odorifero em que a Natureza se esmerou maternal e carinhosa, e para que Deus foi complacente e benevolo.

E justamente d'um tal acôrdo unanime deriva a necessidade para a população indigena de ser briosa no trabalho e diligente no esforço nobre.

Pão, vinho e pecuaria são tres elementos consideraveis de riqueza publica e de nutrição organica dos corpos.

Esta trindade soberana deve orientar o povo portuguez e muito principalmente a classe dos lavradores, que interessa por excellencia.

«Que fructos e futuro reserva a todas as instituições benemerentes de um principe sabio e prudente!» exclamava Henri Schaefer escrevendo a *Historia de Portugal*, no capitulo em que falou do rei *Lavrador* mandando semear o pinhal de Leiria: que fructos, digo eu, poderão colher nossos filhos e netos se os lavradores portuguezes e os homens de Estado actuaes entre nós se convencerem a largar de mão a todas as causas de campanario que os separam, entregando-se aquelles puramente á cultura da terra e estes á administração economica e á alta politica de governo culto e illustrado!

Não desconheço que ha ahi uma barreira difficil de levar de vencida, obstando a que se organisem planos perfeitos de execução immediata no interesse exclusivo da agricultura nacional e é a barreira egoista de ambições insaciaveis e inconfessaveis; é o excesso estulto de vaidades inqualificaveis; é a cegueira de luxo e a loucura de ostentações, n'uma palavra, é o pouco equilibrio de faculdades; um certo cynismo de venalidade e muita hypocrisia de paixão ignorante.

Pensar nas geiras, habitar casas de campo, educar as creanças na atmosphera sádia dos prados e á sombra de arvoredos frondosos, banir do lar domestico frioleiras de politiquice e da vida exterior, intrigas partidarias;—esta é a verdadeira sciencia de regeneração dos povos, a unica philosophia acceitavel de confôrto da familia e o motivo genuinamente logico de actividade e de estabilidade social.

Cultivemos pois a terra, mas sem ancia de sordidez e sem excesso de propriedade agglomerada.

Entre os capitulos mais interessantes da historia da humanidade figura o *anno jubilar*, do povo hebreu.

Em verdade, reentrar na posse da terra e ser restituido á liberdade após um lapso de cincoenta annos, é facto notavel e edificante que honra sobremodo a memoria de quem contou no numero de seus grandes homens um legislador da estôfa de Moysés!

Isaias, por certo não dos menos celebres videntes de Israel, annunciou desgraças e infortunios a todo aquelle que: juntasse casa com casa e approximasse um campo de outro campo, de modo a absorver o terreno todo e tornar-se unico possuidor do paiz»

Que devemos concluir d'este phenomeno de caracter social, que não só imprimiu cunho authentico na evolução politica dos descendentes de Abrahão mas até mereceu cabida especial em linguagem de prophetas?

É que desde longa data, á vista dos campos o homem foi impressionado da necessidade e conveniencia de fragmental-os em porções maiores ou menores relativamente mas sempre consentindo partilha proporcional a cada familia isolada e a cada individuo.

Com effeito, as terras não constituem por sua essencia e natureza regalo e privilegio de poucos; ellas são propriedade commum do genero humano e como tal cumpre mantel-as em poder da collectividade.

Confesso leal e francamente que sou partidario da pequena propriedade e que sinto repugnancia invencivel pela agglomeração de grandes propriedades.

Ha um argumento forte, de primeira intuição, que pode citar-se em favor d'aquella, é que seu beneficio immediato abrange muitissimo maior numero de pessoas ao passo que o systema de agglomerações nem se traduz com tanta efficacia nos resultados praticos, nem mesmo se recommenda como seguro meio de aproveitar todos os terrenos integralmente.

Vê-se em Portugal jazer sem cultura de especie alguma muita propriedade acumulada em mão de individuos que vivem de rendimentos de outra proveniencia, a qual distribuida em pequenas parcellas pelos habitantes pobres das freguezias ruraes e amanhada por estes levaria o conforto e o sustento quotidiano a milhares de casas onde falta o estrictamente necessario.

E isto não é ainda o peor, o que mais provoca e irrita os nervos é saber-se que os grandes proprietarios nem sequer em geral se acham collectados nos termos em que deveriam sêl-o, para ao menos, haver um estimulo pecuniario que os obrigasse a pensar mais a sério na cultura de suas fazendas.

Não vejam os leitores em mim um inimigo perigoso d'aquillo que lhes pertence: não ambiciono o alheio mas penalisa-me que o sólo de meu paiz esteja mal parado e que não produza em harmonia com sua qualidade e disposição excellentes.

Se os governos fossem guiados unicamente pelo bem da patria tentariam remediar este estado de coisas lastimavel no tocante á agglomeração de propriedades rusticas, sem emprego de violencias embora com recurso a medidas energicas.

A questão é além de complexa, grave e melindrosissima; mas por isso mesmo se torna mais palpitante sob o ponto de vista de sciencia politica, na esphera superior do governo e tambem por isso mesmo reveste aspecto de nobreza digno de estudo profundo e aturado.

Para n'este genero se emprehender em Portugal alguma coisa de valor perduravel é mister pôr de lado insinuações de adéptos e obedecer apenas a luzes de bom senso combinadas com observação escrupulosa e analytica de factos.

E nem o caso é para menos attenta sua importancia e significação moral, que affecta todas as classes egualmente chegando a ferir interesses legitimos locaes e privados.

Comtudo, é certissimo, palpavel e evidente o direito que assiste aos governos de fazer leis novas e de alterar e modificar no todo ou em parte as já existentes que não se coadunam com o progresso dos tempos se não respondem a exigencias rasoaveis dos povos.

Dadas as tendencias recalcitrantes da epoca, reconhecidos os abusos predominantes, verificada a identificação de actos singulares praticados em nossos dias em pólos diversos e afastados no sentido do movimento socialista, importa a dirigentes de governação publica tomar logar com o maximo desassombro á frente dos aggravados e tutelar-lhes e defender-lhes a causa sem todavia restringir e coarctar liberdades a ninguem.

Bem entendido: liberdades não lezivas nem aggressivas de principios justos, porque então convertem-se em attentado punivel por leis criminaes no tribunal competente!

Ora o contraste que resulta de açambarcamento da propriedade defrontando-se com misera existencia vegetativa de simples aldeões amantes de trabalho, a cujos braços tantas vezes negam serviço os grandes senhores do sólo, é deprimente e vexatorio, é uma provocação constante e uma isca de revolta.

Eis uma tarefa brilhante para consagração de Estadistas e para registo de credito inabalavel e de convicções firmes,—qual a de conseguir estabelecer um regime legal e acceitavel de propriedade que desde agora restringindo as agglomerações de terreno impeça no futuro a repetição de semelhante facto e dê margem a uma divisão fundamentalmente equitativa em que os lotes ou quinhões abranjam em conjuncto a massa da população rural.

Resolver este problema é já hoje necessidade de incontestavel e urgente.

Não é no momento de explosão de paixões e de odios que aquellas se abrandam e estes se amortecem: convém não deixar chegar enfermidades até seu paroxismo agudo.

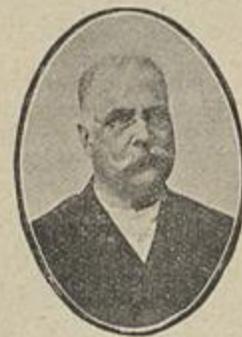
Justamente esta razão me faz considerar que é tempo opportuno para a politiça portugueza passar de facciosa, partidaria e egoista em anhelos de ganancia a politica de inteiresa e de isenção categoricas, e a obra pratica intensamente nacional.

Encete caminho pela propriedade, e oriente o plano que haja de seguir tendo em mira desaggregar glebas e habilitar a multidão a poder possuir terras araveis de que aufira proveito.

Afiguram-se-me de vantagem em tão importante assumpto alguns meios indirectos que equivalem e até sobrepujam a quaesquer outros e entre elles julgo de largo alcance uma nova lei regulamentar de direitos de transmissão da propriedade e bem assim um systhema de inscripção e de registo d'esta que não permittisse illudir e sophismar o fisco relativamente a contribuições devidas.

Importa, em resumo, que dentro de um periodo de annos não muito dilatado a propriedade dividida, attinja por beneficio a população portugueza e concorra pecuniariamente, sem excepção de casta alguma para o thesouro do Estado.

D. Francisco de Noronha

Conferencias no Conservatorio

ERNESTO VIEIRA

Já nos referimos na Chronica do n.º 867 do Occidente á preciosa conferencia feita pelo sr. Ernesto Vieira, membro do conselho de Arte Musical do Conservatorio Real de Lisboa, e primeira da serie que n'aquelle estabelecimento de instrucção foram estabelecidas, damos hoje as considerações que, acompanhando o retrato do distincto auctor do *Diccionario biographico*, e a proposito da sua conferencia, constituem um dos artigos mais interessantes do n.º 98 da magnifica revista *A Arte Musical.*

«Raras são em Lisboa as conferencias sobre assumptos musicaes e não gozam, verdade seja, d'uma grande simpathia por parte do nosso publico.

«A razão parece-me obvia. Para a grande maioria dos nossos frequentadores de concertos a musica é de duas especies: a que entra pelas orelhas dentro, e se presta admiravelmente a acompanhamento das mais variadas conversações e a que demanda uma certa contensão de espirito e que portanto.. é massada. Ora desde o momento em que se encara a divina arte sob estes dois quasi unicos aspectos é claro que poucos pensam em profundar-lhe o lado theorico e muito menos em rebuscar na poeira do passado os elementos constitutivos da sua historia.

«Nos paizes musicalmente cultos a conferencia

A Nova Camara dos Deputados

O ESCULPTOR TEIXEIRA LOPES

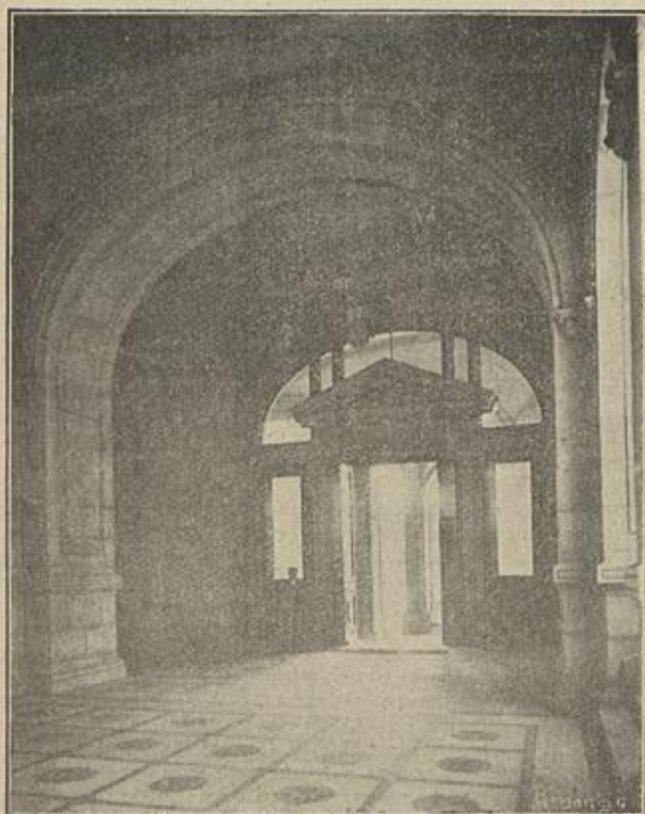
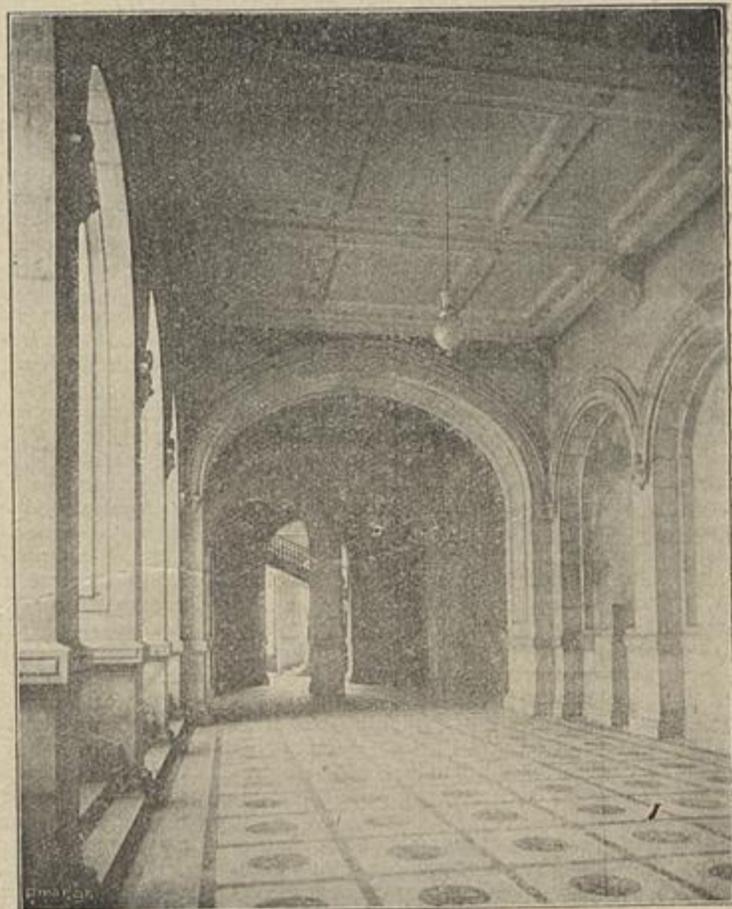
O ESCULPTOR JOSE' MOREIRA RATO

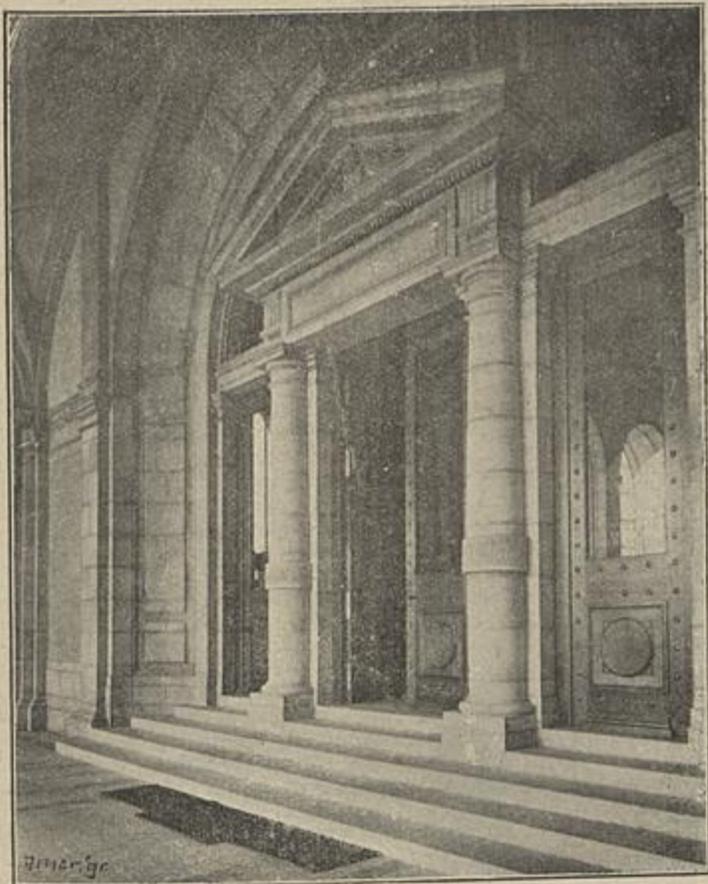
O ARCHITECTO A. A. MARQUES DA SILVA

é frequente; é tambem copiosamente frequentada por um auditorio preparado para a comprehender e apreciar. Esse preparo que afinal de contas não importa em profundos conhecimentos scientificos nem em lucubrações emaranhadas de alta esthetica escasseiam-nos por completo aqui.

«Verdade, verdade, eu julgo que no momento presente, em que a vida musical do nosso paiz parece animar-se n'uma salutar evolução e tomar, ainda que muito pausadamente, o caminho luminoso que os povos civilisados de ha muito vem trilhando, eu julgo, perdoem-me a franqueza, que mais necessitamos da lição elementar que da conferencia.

«Quem sabe mesmo se a scintillante exposição de Ernesto Vieira no Salão do Conservatorio não vem apoiar e dar plena razão á minha premissa! Pois não vi ali mesmo o distincto musicologo rodeado de um grupo titubeante de artistas de ámanhã, voluntariosos a mais não poder ser, mas completamente alheios e desnorteados em um terreno que pela primeira vez pisavam? Pois não vejo que o esforço de mestres da mais alta competencia e valôr, como tem o Conservatorio, nun-

O ARCHITECTO ANTONIO DO COUTO

VESTIBULO DE HONRA — Lado da entrada

VESTIBULO DE HONRA — Lado do fundo

A Nova Camara dos Deputados

PORTA PRINCIPAL DO PARLAMENTO

SALA DOS PASSOS PERDIDOS

ca poderá transformar em *artista*, na grande e nobre accepção da palavra, o pobre illetrado que lhe confiam?

«Não divaguemos porém e sobretudo não creemos desanimos nem destruamos illusões. Convem pelo contrario trabalhar, surribar sem descanço este terreno maninho e bravio, que talvez um dia nos traga formosos fructos.

«Ensinando e escrevendo tem Ernesto Vieira prestado um precioso tributo a esta santa causa do progresso e da arte e o producto de tantos annos de trabalho e de pacientes investigações artisticas e historicas tem o elle espalhado com mão prodiga e generosa, sem olhar para a retribuição nem regatear o premio. Este é trabalho de verdadeira benemerencia e de verdadeiro patriotismo.

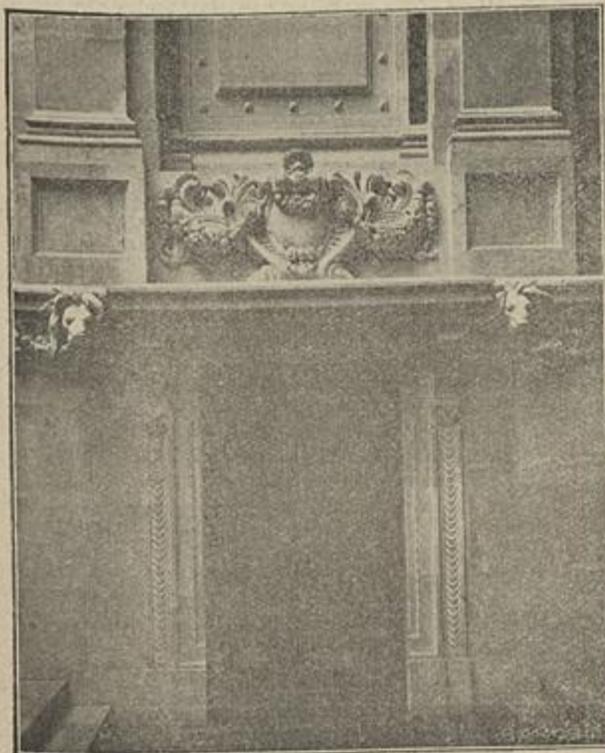
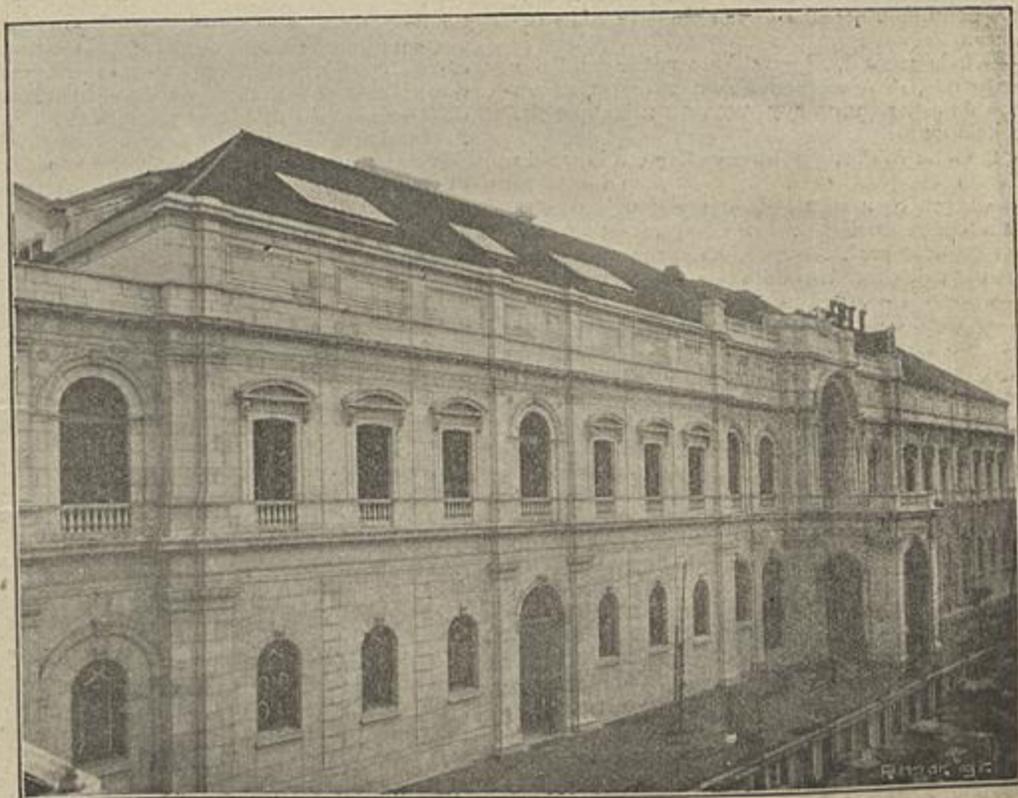
«Na sua palestra de domingo passado, feita em linguagem fluente e clara, deduzida admiravelmente em todos os seus promenores, passou o professor Vieira em rapida revista os primordios da arte portugueza, nos seculos XVI e XVII.

«Instruido o auditorio sobre a orientação da conferencia e sobre a technica dos raros compositores nacionaes que se conhecem n'aquelle periodo, historiou o illustre artista as tentativas diversas que nos diversos generos de composição se produziram então, marcando cada uma d'ellas com um interessantissimo exemplo.

«Teve o primeiro logar, que a ordem chronologica necessariamente impunha, uma canção a tres vozes, *O desdichado de mi*, cujo auctor, o discreto Badajoz, foi um dos musicos da camara de el-rei D João III.

«Como typo da musica popular d'aquelles tempos apresentou nos o illustre conferente um romance anonymo, *Puestos estan frente a frente*, em que o povo lembrava a desastrosa jornada de Alcacer Quibir. Este trecho, cuja execução foi confiada como o primeiro a alguns alumnos do Conservatorio, teve e muito merecidamente as honras da repetição.

«Executou em seguida o proprio Ernesto Vieira um *tento* para orgão do Padre Rodrigues Coelho, um dos numerosos trechos musicaes que este habil contrapontista publicou em 1620, sob o titulo de *Flores de Musica para o instrumento de Tecla & Harpa* O trabalho polyphonico d'esta composição e de algumas outras que se encontram n'este interessante volume parece dar razão ao erudito professor, quando apresenta o Padre Coelho, um tanto arrojadamente, como um dos percursores do grande Bach.

«A melodia pura teve em seguida como repre-

PORTA PRINCIPAL DA SALA

FACHADA POSTERIOR DA NOVA CAMARA DOS DEPUTADOS

sentante o compositor André da Costa, cuja existencia nos foi pela primeira vez revelada pelo proprio Ernesto Vieira, no seu *Diccionario biographico* de recente publicação. A obra escolhida pelo douto conferente para nos dar ideia do processo musical de André da Costa foi uma cantata dedicada a D. Maria Anna de Austria, mulher de D. João V.

«Ouçamos o que elle proprio nos diz no seu *Diccionario*, a proposito d'esta obra:

«E' um interessante e muito raro specimen da nossa musica seiscentista em estylo profano, ainda não influenciado pela quadratura das formas italianas. Divide-se em *arias* e *recitados*, terminando por uma *fuga*. A melodia une-se intimamente ás palavras reproduzindo o seu sentido e accentuando-lhes a prosodia, sem obedecer á symetria exacta; as phrases do canto são cortadas em dialogo com o acompanhamento (um simples baixo com rarissimas cifras) o qual começa sempre por expor um desenho melodico, servindo de modelo, que o canto em seguida imita. Isto nas arias, porque nos recitados torna-se o acompanhamento extremamente singelo. A chamada *fuga* no final, não passa de um simples dialogo á oitava entre o canto e o acompanhamento.»

«Uma parte d'esta curiosa composição teve por interprete a sr.ª D. Isaura Callado.

«O ultimo exemplo apresentado e este por um grupo de jovens coristas escolares foi um dos numerosos villancicos de Marques Lesbio, o famoso mestre de capella de D. Pedro II. E' a cinco vozes e tem por titulo *Ayrecillos mansos*.

«Com este exemplo terminava Ernesto Vieira a sua eloquente exposição, accentuando em Marques Lesbio o inicio de um periodo de decadencia, que no dizer do distincto musicologo, teve como principal origem a introducção da musica italiana em Portugal.

«E' esta pelo menos a these que prometteu desenvolver em uma nova conferencia, que esperamos anciosamente e em que contamos applaudil-o com o mesmo enthusiasmo com que o fizemos n'esta.»

L.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

(Continuado do n.º 865)

O sr. P. Merimé narra o seguinte:

«Ha annos uma hespanhola, ella propria me contou, passava pela rua de Alcalá muito triste e preoccupada, uma cigana acocorada sobre o passeio gritou-lhe:

«Minha bella senhora o seu amante trahiu-a.

«Era verdade.

«Quer que eu o faça voltar?

«Comprehende-se com que alegria a proposta foi acceite, e qual devia ser a confiança inspirada por uma pessoa que adivinhava assim n'um relance, os segredos mais intimos do coração.

«Como se tornava impossivel proceder a operações magicas na rua mais frequentada de Madrid, combinou-se uma entrevista para o dia seguinte.

—«Nada mais facil que fazer voltar o infiel a vossos pés, disse a cigana. Tem por ventura um lenço de assoar, um cinto, uma mantilha que elle lhe haja dado?

«A minha conhecida entregou-lhe um lenço do pescoço

—«Agora cosa com seda carmesi uma piastra a um canto do lenço; aqui uma peseta; ali uma peça de dois reales. Depois hade coser no meio uma peça de oiro. Um dobrão seria preferivel

—«Cose-se o dobrão e o resto?

—«Agora, dê-me o lenço, vou leval-o ao Campo Santo ao bater da meia noite. Venha commigo, se quer ver uma bella diabrura. Prometto-lhe que ámanhã tornará a ver aquelle que ama.

«A cigana partiu sosinha para o Campo-Santo, por que a apaixonada rapariga tinha muito medo dos diabos, para querer acompanhal-a.

«Pensem agora os leitores se a pobre amante abandonada tornou a pôr a vista em cima do seu infiel.

«O lenço com o dinheiro cosido é que ella nunca mais tornou a ver.

«Apezar da sua miseria e da especie de aversão que inspiram, os ciganos gosam d'uma certa consideração entre as pessoas pouco esclarecidas, e elles vangloriam-se d'isso. Julgam-se uma raça superior pela intelligencia e desprezam cordealmente o povo que lhes dá hospitalidade.

—«Os indigenas são tão estupidos, dizia-me uma bohemia dos Vosges, que não ha merito algum em logral-os. Outro dia uma aldeã chamame da rua, entro em sua casa. O fogão fazia fumo, e ella pediu-me um sortilegio para acabar com isso. Comecei por pedir um bom pedaço de toucinho, depois puz-me a resmungar algumas palavras em romani: E's burra, dizia eu, nasceste burra, burra has de morrer!... Quando cheguei perto da porta disse-lhe em bom allemão: — O meio infallivel de evitar que o teu fogão faça fumo, é não fazeres fogo n'elle. E dei ás de Villa Diogo.

. . . .

No que respeita á maneira de trajar, quando disfructam alguns bens de fortuna, os homens teem grande affeição á roupa branca e as suas camisas são irreprehensivelmente gommadas com, canotilhos e bordados nos peitilhos, á maneira do toureiro hespanhol.

O traje em rigor é egual ao que usava no seculo passado o povo de Andaluzia, mais ou menos rico, de melhor ou peor panno.

Os homens concentram as suas qualidades de gosto no vestir em usar roupas justas ao corpo, jaquetas de alamares de prata, burzeguins com abotoaduras do mesmo metal etc.

As mulheres são perfeitas andaluzas no trajar, disputando-lhe o mimo e a graça no donaire com que se apresentam nos mercados, nas feiras nas touradas, em todas as festas publicas onde concorre.

A tradicção não conservou vestigio algum authentico dos primitivos trajos ciganos.

Talvez em Hespanha, como no resto da Europa, seja essa a unica cousa que poderam obter os legisladores: fazer abandonar ao cigano o trajo primitivo; e, como a Andaluzia tem sido uma das provincias onde os ciganos desde o tempo dos arabes estabeleceram os seus arraiaes com maior predilecção, é talvez esse o motivo porque adoptaram o costume andaluz.

De mais ha certa similhança no garbo e maneiras entre o andaluz e o cigano, que explica tambem a sua preferencia dada ao modo de vestir.

Os andaluzes são uma mescla de romano, vandalo e mouro, em cujas veias giram particulas de sangue cigano, não sendo com este povo tão rigorosos os preceitos da *liri es calés*.

Diz-se até que a mesma paixão que inspiram as ciganas aos andaluzes é compensada pelo que os ciganos inspiram ás mulheres de Andaluzia.

Entre as particularidades dos ciganos ha uma que diz da sua prodigalidade, e que tem sido a ruina de muitos: são as excessivas despezas que fazem nas festas das suas bodas.

Para os tres dias que se prolonga o festim, são convidados não só os ciganos do logar, como os conhecidos e todos que appareçam, associando-se a essa verdadeira dissipação de doces e bebidas de toda especie, para o que o noivo contrae dividas que lhe são logo um pezado encargo no principio do seu novo estado.

Francisco Quindalé e o sr. Adolpho Coelho referem algumas curiosas particularidades sobre a ceremonia do casamento, que são mais uma bella prova da hombridade de caracter d'esta extraordinaria raça.

Esses usos que se conservam ainda entre muitas familias ciganas, e que eram observados antigamente por quasi toda a Hespanha, desappareceram com a successão da casa d'Austria ao throno hespanhol, mas a elles se sujeitou Isabel de Castella, quando casou em Valladolid com Fernando de Aragão.

Não terminaremos o capitulo das particularidades que distinguem o cigano sem fazer menção especial de um uso, talvez esquecido já pelos ciganos da Europa, porém ainda conservado entre os ciganos russos e hungaros, quando teem a fazer expedições demoradas e distantes.

Esse uso consiste em collocarem signaes nos caminhos para que outros que os seguirem saibam qual foi por elles escolhido, e resumem-se em alguns montes feitos de herva arrancada para esse fim, ou n'uma cruz traçada no chão, servindo de indicador um dos braços feito propositadamente mais comprido do que o outro.

Qualquer d'estes dois signaes (*pateran*) marca ou *(trail)* signal, foram elles que serviram para guiar, uns após outros, os grupos de ciganos que se internaram na Europa.

(Continua) *Julio Rocha.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

O senhor mordomo não está á altura de perceber destas coisas, e é por isso que intenta ir-me á mão. Hei-de mostrar a essa cambada, que sou ainda o mesmo homem de outros tempos. E trate de se pôr a caminho, quanto antes, vá-me avisar esses meus feudatarios, emprazadores daquillo que é muito meu, que se ponham d'ali para fóra, ou que paguem como até aqui as competentes rendas e venham desde já fazer novo contracto, aliás, mandá-los-ei pôr no olho da rua á viva força, tão certo como eu chamar-me Aleixo de Radnothy e haver servido pelo espaço de vinte annos o condado.

A quem fôr alheio ás condições especiaes da Transylvania, poder-lhe-á causar estranheza o agastamento de Radnothy por vêr usurpados seus terrenos.

A nobreza Transylvana, além dos seus adstrictos da gleba, tinha ainda outros subordinados sujeitos quasi que a eguaes condições, mas cuja categoria não correspondia em absoluto á dos primeiros.

Ora, o numero de braços concorre a valorisar mais ou menos a maxima parte da propriedade rural, e os nobres, na sua quasi totalidade, admittiam colonos, nas suas terras infeudadas. Estes emigrantes recebiam, consoante as regiões em que se estabeleciam, as designações de clientes, de abarracados, ou *Hurútas*, de *huruba*, em lingua hungara, barraca ou choupana). Pagavam apenas um tributo de capitação, sendo porém isentos de contribuição agraria, pelo facto de amanharem terras pertencentes á nobreza, prestavam serviços a seus senhores, já como jornaleiros já como creados, e delles alguns pagavam foro.

Os servos podiam obter alforria, os clientes, esses, como aliás é de suppôr, não mudavam de condição.

Como porém a maioria dos clientes nem á mão de Deus padre percebiam a razão porque não tinham direito á alforria, visto serem eguaes ás dos servos as suas condições de vida, foram-se, a pouco e pouco, retraindo de pagar rendas e dizimos, até que rebentou a revolução e detiveram os bens em seu poder, considerando-se forros tal qual o estavam os servos manumissos. Os mais resistentes foram os clientes válacos, e levaram mais longe taes usurpações, visto haverem sido obrigados a cohibir-se de outros excessos. Durou este estado de coisas ainda além do anno de 1850, e só veiu a cessar, quando lhes poz côbro a regulamentação do conselho do condado e principiaram a funccionar regularmente os negocios da justiça. E ainda então dava logar esta circumstancia a inumeros processos, pois que em algumas terras, entre outras depredações, perderam-se totalmente os registos da propriedade agraria, e em outros arderam os livros de cadastro dos senhores, ou porque sobrevieram circumstancias concorrendo a aggravar ainda mais a confusão.

Radnothy contava muitos destes clientes, e em especial, entre os válacos, que constituiam uma boa metade dos moradores das aldeias. Pertencia a este numero o seu antigo jardineiro, o qual, quatro annos havia, edificára uma nova casa, accrescentando ás suas fazendas um campo de milho de arrazoadas proporções Era contra este que o venerando fidalgo nutria maior grau de irritação, não só por ter sido o mais descarado entre os usurpadores das suas terras, mas ainda pelo facto de lhe haver desinquietado a antiga governante, despozando-a. Accrescia a aggravar-lhe o resentimento o haver aquelle, no acto de lhe devastarem o solar, feito causa commum com o povoléo, participando do regabofe, debaixo do seu proprio tecto, e, mancommunado com a governante, tendo deitado a mão a uma parte importante do mobiliario. Castigando a este mal agradecido, o mais conspicuo, aliás, entre o numero dos seus clientes, propunha-se a estabelecer para os outros um exemplo, e portanto, decorridos os tres dias da praxe, enviou o seu huzar, o Estevam, áquelle primeiramente, afim de verificar se o homem tinha ou não evacuado a propriedade.

O Estevam deu conta do incargo com a melhor vontade; tambem elle nutria rancor contra o jardineiro, que lhe bifára do lance a governante, sobre a qual elle havia deitado as suas vistas, escolhendo-a para sua companheira e seu amparo na velhice, e a despozára nas suas proprias bochêchas, e quando regressou, — com ar de malicia extrema, participou que o jardineiro — com perdão de Sua Senhoria—lhe perguntára: estará idiota, por acaso, Aleixo Radnothy, para lhe mandar recado tão asnatico; que tanto a casa como os campos lhe pertenciam a elle jardineiro, que pagava a decima respectiva, que era aquelle agora o seu solar, que elle presentemente era tambem um senhor, e que era tanto como o fidalgo:—podiam vir ter com elle quantos vice-palatinos existiam

na Tansylvania, que haviam de ir todos corridos, do primeiro até o ultimo.

— Pois veremos, amanhã, heide escarmentá-lo e abrir exemplo de ordem tal, que a aldeia em pêso aprenderá a respeitar-me, — exclamou Radnothy, ao qual este incidente pusera totalmente fóra dos eixos; — não o digas a ninguem, que os da aldeia, se o souberem, vão-n'o logo pespegar ao jardineiro. Os criados que reunam aqui todos na varanda, ao romper da madrugada; dá-lhes aguardente a rôdo, e o mordomo que tambem não falte, e tu não te deites esta noite, para não deixares de me accordar cêdo.

Ao alvor da madrugada, transformou-se a varanda do solar em arraial de guerra. Radnothy, á mingua de espadas e escopêtas, armou a sua gente com tudo que incontrou á mão. O Estevam brandia um machado de cobre, o mordômo esgrimia com um forcado, o zagal dos bufalos arvorava um ancinho, o cocheiro fazia sarilhos com uma enxada, o lacaio perfilara-se, com uma foice roçadoira ao hombro. O proprio Radnothy cingia um sábre, que fora recentemente incontrado no jardim, e que era o mesmo com que elle costumava apresentar-se nas reuniões do conselho do condado. Como bom cabo de guerra, animava as suas tropas, enchia-lhes de aguardente os copos, e transmitia ordens ao mordomo que tentava dissuadi-lo de dar passo tão imprudente. Radnothy estava no seu verdadeiro elemento, considerava-se como a entidade dirigente da secção executiva do Consêlho do Condado, capacidade em que elle em tempos tanta vez lhe coubera a missão de instrumento da lei.

Tão agradavel excitação o tornava lhano e propenso a chalacear; em summa, desde o seu regresso, era aquelle o seu primeiro dia de satisfação. Este singular capricho exercia sobre elle tão benefica influencia que se sentia como que renascer.

Após infinitas combinações, e outros tantos planos de campanha, resolveram marchar. Ia por batedor o cão de guarda, e logo a seguir, o Estevam, que commandava o troço na qualidade de general e, fechando a rectaguarda, os mestres-de-campo, a saber, Radnothy e o mordômo, este ultimo ajoujado e não pouco como um ponderoso forcado. Ao passarem pelas cosinhas, aggregaram-se-lhes, representando a reserva, a governante e a Maria coxinha, que não iam armadas, mas que, por isso mesmo, faziam maior alarido. A' medida que a tropa se ia aproximando da casa que projectava levar de escalada, mais se lhe ia acalmando a sêde de sangue. O zagal dos bufalos principiou a insinuar aos camaradas que o jardineiro dispunha de uma espingarda, o mordômo afirmava de sciencia certa que possuia umas pistolas o sobredito. Entretanto, era tarde para reconsiderar. O «Maros» o cão de guarda, encetou o ataque, engalfinhando-se no cão do jardineiro, e o Stéphan, acto continuo, deu o signal para o ataque, fazendo das tripas coração, e para afugentar o mêdo, ponderando que a espingarda dava apenas um tiro de cada vez, e que uma pessôa, deitando-se de bruços no chão, escapava são e a salvo, e depois, com um pulo, dava cabo do inimigo.

Succedeu exactamente aquillo de que elles se temiam. O jardineiro, accordado de sobresalto, implantou-se na soleira da porta, de espingarda ingatilhada, ameaçando, a poder de invectivas, que o primeiro que se atrevêsse a acercar-se pregava-lhe uma chumbada, como quem atira a um cão, e fez pontaria. Recuou desde logo o trintanario e seguindo o aviso do Estevam, deitou-se de bôrco no chão, pondo em immediata confusão quer a ala esquerda quer a direita; e os outros, sem excepção do proprio Estevam, olvidando a tactica de guerra, deitaram a correr, galgando de tropel por cima do corpo do precavido trintanario. Os mestres de campo foram os unicos que se mantiveram firmes; mas, em vez de atacar, pegaram a renhir um com o outro, Radnothy, desembainhando o sabre, queria arremeter sósinho contra o jardineiro, acto a que não annuiu o mordômo, agarrando-se a elle e puxando o para traz com quanta força tinha. Numa palavra, a expedição haveria sofrido grande desaire, se não tem vindo accudir-lhe o acaso.

— Em nome de Deus, que vaes fazer, queres dar em assassino? Abaixo com essa espingarda! —solluçou a mulher do jardineiro e desatou num vale de lagrimas.

— Vai lá para dentro, que isto não é negocio de mulheres — adversou o jardineiro, impurrando-a.

— Pois eu é que daqui não arrédo pé, antes que me mates com um tiro; dá para cá a espingarda. Queres ficar com uma morte ás costas?

Assassino — assassino — assassino! guinchava a matrona deitando a mão á espingarda e intentando arrancá-la das mãos do marido.

Com esta diversão principiou a bellica cohorte a cobrar alento. Encheu-se de animo o Estevam, corrido a mais não poder ser pelo facto de haver dado aos calcanhares.

Os restantes seguiam-lhe no incalço, e o jardineiro, a braços ainda com a esposa, em breve se viu cercado.

Incetou se então o ataque por todos os lados, com verdadeiro alarido de guerra. O Estevam travára-se em lucta com o jardineiro, e sentiu este que o atacava pelas costas o mordomo. A jardineira vituperava, chorando, o inimigo, e atirou-se ao cocheiro de vassoira em punho.

O zagal dos bufalos brandia, tremebundo, o forcado, sem fazer mal a ninguem, a voz estentoréa, terrivel suppria, porém, razoavelmente um canhão. A governante descompunha a jardineira, sua antecessôra, e a Maria coxinha berrava a bom berrar: Arreda! não façam mal ao nosso fidalgo!

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

NECROLOGIA

JOAQUIM JOSÉ FERNANDES AREZ

O illustre extincto que a morte arrebatou repentinamente dos braços da esposa e dos filhos que o estremeciam, no dia 28 de janeiro findo, era antigo commissario geral das alfandegas e vogal effectivo da junta consultiva do ultramar.

Natural de Nova Goa e filho do tenente coronel Antonio Joaquim Arez e de D. Maria Antonia Ferreira Martins Arez, nascera a 21 de agosto de 1839, contando pouco mais de 63 annos, quando a morte o veiu surprehender.

Tendo concluido com distincção o curso dos lyceus, assentou praça em abril de 1858, obtendo nas escolas superiores um honroso logar, sendo classificado para a arma de engenharia.

Promovido a 2.º tenente em 1865, foi no mesmo anno nomeado membro d'uma commissão, encarregada de proceder a tombação e demarcação de terrenos, arrendados a longo prazo, na provincia de Satary, a uma colonia americana que a guerra de Successão tinha obrigado a exilar. Esta commissão foi mais tarde encarregada tambem de proceder ao levantamento geral topographico da referida provincia, e em 1870 apresentava os seus trabalhos compostos de 170 mappas parciaes, um mappa geral, e um bem elaborado relatorio sobre as condições de Satary, pelo que foi louvado em portaria de agosto de 1870.

No decurso dos trabalhos da commissão citada, Joaquim Arez concorreu á Escola Militar de Goa a obter ahi uma cadeira de lente em 1868.

No mesmo anno ainda, é encarregado de ir a Bombaim adquirir material de guerra para a columna de cypaios que devia cooperar na expedição mandada á Zambezia contra o Bonga.

Promovido a 1.º tenente em 1871 e encarregado da demarcação das mattas nacionaes e da elaboração de novos regulamentos para as mesmas, tão distinctamente se houve, que foi novamente louvado em portaria de julho do mesmo anno.

A demarcação de limites entre Goa e Canará do Norte (India Ingleza), offereceu uma nova occasião de Arez se evidenciar, e o governador da India ingleza sir W. Seymour Fritzgerald em officio dirigido a J. Ferreira Pestana, testemunhou a sua satisfação pela conducta do distincto engenheiro.

Mas entre os serviços mais relevantes, lembraremos os que prestou Arez no difficil quão honroso logar de administrador das Novas Conquistas, com o encargo de extinguir os restos da revolta dos Marathas, e os bandos dos salteadores que infestavam aquella região em 1872. Em menos d'um anno Joaquim Arez tendo desenvolvido uma energia admiravel, conseguiu aprisionar os que escaparam com vida nos numerosos recontros com as nossas forças. Foi então proposto pelo governador —, um dos veteranos da liberdade, general Macedo e Couto, para a promoção ao posto immediato por distincção.

Secretario particular do governador da India, o general Tavares de Almeida, foi a Delhi assistir ao *durbar* da proclamação da rainha Victoria, como imperatriz das Indias.

No mesmo anno, 1877, acompanhou o eminente estadista Nogueira Soares, a Calcuttá Simla para entabolar as negociações para um tratado de commercio, commissão esta que desempenhou até 1878.

No anno immediato fôi nomeado sub-director das Obras Publicas, de Nova Goa, e ainda no mesmo anno encarregado de estudar as pautas das alfandegas da India ingleza, para pôr em execução, juntamente com Antonio Augusto de Aguiar, o tratado de commercio e o regimen de Sal e Abkari

Nomeado pelo vice-almirante Caetano de Albuquerque, um dos mais energicos governadores da India, commissario de Sal e Abkari, e membro do conselho governativo, em recompensa dos serviços prestados, foi chamado pelo governo da metropole para negociar, ainda com Antonio Augusto de Aguiar, um novo tratado, e encarregado de pol-o em execução no anno immediato.

Novamente chamado em 1891, pelo ministro sr. Conselheiro Barbosa du Bocage, para acompanhar, como delegado technico, o conselheiro Pinheiro Chagas, nas negociações novamente entaboladas, repelliu as exigencias do commissario inglez Caren.

Tendo requerido a sua aposentação como commissario de Sal e Abkari resignou o seu posto no exercito, conservando comtudo as honras de tenente coronel.

Eleito deputado pela India durante o ministerio Neves Ferreira e por duas vezes membro da Junta Consultiva do Ultramar, foi nomeado definitivamente, em 1897, membro effectivo da mesma junta, sendo o illustre extincto relator de muitos e importantes assumptos coloniaes.

Fez ainda parte da camara de deputados na ultima situação progressista e ultimamente d'uma commissão presidida pelo sr. general Cabral Couceiro e composta dos mais distinctos engenheiros da metropole, para estudar a questão das tarifas da linha ferrea de Mormugão.

*
* *

Completando estas ligeiras notas biographicas, damos em seguida alguns trechos da allocução feita á beira da sepultura de Fernandes Arez, pelo sr. Dr. F. A. Ochôa:

«Joaquim José Fernandes Arez era filho d'uma das familias mais distinctas de Gôa, e contava na sua arvore de geração ramos illustres que brilharam em varias epochas n'aquella nossa colonia, e ali prestaram ao seu paiz importantissimos serviços. Engenheiro distincto, Fernandes Arez habilitou-se a seguir uma brilhante carreira militar, emquanto poude, e a prestar ao seu paiz natal assignalados serviços.

«Ultimamente a sua privilegiada capacidade, as suas extraordinarias qualidades de trabalho fixaram-se no seio da nobre junta consultiva do Ultramar, onde, por largos annos, prestou valiosissimos serviços e onde o seu nome ha de, com certeza, ser lembrado como o de um trabalhador incansavel e prestante, como o d'um modelo de honradez e de justiça.

«A reconhecida capacidade do seu espirito e a honradez incontestavel do seu caracter chamaram-no a muitas e importantissimas commissões de serviço publico, de que deu sempre conta por forma a merecer justos louvores. Quando em qualquer ramo d'administração publica se exigia competencia especial e trabalho fóra do commum, o nome de Fernandes Arez era sempre lembrado, desempenhando-se por forma que os seus serviços hão de honrar por muito tempo o seu nome e justificar a gratidão dos seus concidadãos.

....

«Fernandes Arez era um bom e justo. O seu coração d'oiro tinha um valor inapreciavel; a sua alma generosa e boa, riquezas inexgotaveis; o seu caracter diamantino uma honradez estoica, que brilhava particularmente n'este meio egoista que nos suffoca.

«Na limitada esphera das suas forças, no animo restricto da sua acção, ninguem fez mais bem ao homem, ninguem sentiu mais vivamente as dores do seu similhante.

«Nunca o pobre e o desprotegido bateu á sua porta que ella se não abrisse de par em par. E quando o viamos correr afadigado d'uma para outra repartição publica, da casa d'um para d'outro amigo, e elle tinha tantos quantos o conheciam, podia-se afiançar sem receio que Fernandes Arez andava trabalhando para outrem.

....

«Quando ha 24 annos eu fui tomar posse d'uma comarca em Goa, encontrei ali tres creanças, tres orphãos de pae e mãe, tres irmãos abandonados de toda a gente e de toda a protecção, e na edade em que o precipicio se depara a cada passo.

«D'entre numerosos parentes que tinham, nenhum se sentiu com forças de os amparar, por

JOAQUIM JOSÉ FERNANDES AREZ

FALLECIDO EM 27 DE JANEIRO DE 1903

que na verdade o encargo era pesado. Mas Fernandes Arez, apesar das suas limitadas forças e dos seus fracos recursos, porque elle foi sempre um pobre e um honrado, não trepidou. Acceitou essas creanças em sua casa, creou-as e educou-as como aos seus filhos, protegeu-as, collocou-as, salvou-as. E hoje são dois funccionarios prestantes d'aquella colonia; e a terceira uma esposa virtuosa d'um distincto official do exercito. Todos elles choram certamente a esta hora lagrimas de saudosa gratidão pela morte do seu bemfeitor.»

. . . .

F. A. Ochôa.

GONÇALVES DIAS

Falleceu no Porto, no dia 28 de janeiro, com 24 annos de idade, o auctor das *Telas rusticas*, um dos novos escriptores de mais longo e promettedor futuro.

Victimou-o a tuberculose quando a vida ainda lhe sorria pelo encantador prisma das illusões, e a familia de quem era o enlevo, via n'elle o idolo das suas mais acariciadoras esperanças.

Era redactor do nosso estimado collega *Estrella do Minho*, jornal que tem a sua séde em Villa Nova de Famalicão, collaborando em varias revistas e jornaes litterarios, onde deixou profusamente espalhados muitos contos e artigos.

As *Telas rusticas*, que haviam sido a sua estreia, mereceram-lhe o applauso da imprensa periodica, especialmente da imprensa do norte, que, mais de perto, conhecia as aptidões litterarias do moço escriptor.

Era um rapaz de coração, que deixa em todos que o conheceram e souberam apreciar uma vivissima saudade.

GONÇALVES DIAS

FALLECIDO EM 28 DE JANEIRO DE 1903